

A NARRATIVA DO Dr. MANOEL DANTAS:

O discurso modernizador justificando a ação sobre o espaço da cidade do Natal/RN

Giovana Paiva de Oliveira – UFRN/UFPE

Este trabalho pretende apresentar uma interpretação para um momento específico da história de uma cidade do Natal/RN a partir do discurso do jornalista Manoel Dantas, editor do Jornal A República, cuja leitura tem repercutido no meio acadêmico, tendo em vista que manifesta a influência do saber urbanístico; e, ainda, disponibilizar uma visão diferente da história da cidade e da feição de sua sociedade, de seu cotidiano, da conjuntura política e da cultura em determinado momento histórico. O cenário da narrativa transcorreu em uma noite no salão nobre do Palácio do Governo, na capital do estado do Rio Grande do Norte, em um instante que pode exemplificar a busca por uma modernização¹ que caracterizou a cidade do Natal ao longo do século XX, cujos indícios podem ser encontrados em documentos oficiais e na imprensa local, em justificativas e ações do poder público.

O discurso de Manoel Dantas², intitulado “Natal daqui a 50 anos”, tem sido referenciado como um dos primeiros escritos prospectivos e o primeiro manifesto futurista natalense que, de fato, seduziu a população “para as conquistas do espírito humano e para a realização do projeto de modernidade”³. Trataremos, especificamente, das referências que valorizam a modernidade, que ressaltam a importância da vinculação da cidade com o mundo capitalista, tangenciando o detalhamento da proposta de organização do espaço, infra-estrutura comercial e industrial, serviços, desenvolvimento e expansão dos limites urbanos do município de Natal.

Desde meados do século XIX, emergiram políticos e intelectuais com formações acadêmicas, que inspiraram e influenciaram a cidade do Natal. A grande maioria proveniente de famílias do interior do estado, enriquecidas pela criação de gado ou pela produção de cana-de-açúcar, que

pouco a pouco foram ocupando os lugares de onde podiam estabelecer sua rede de controle. A partir da Proclamação da República no Brasil, em 1889, estas intenções ficaram muito mais evidentes e estes novos sujeitos, que haviam regressado de seus estudos, passaram a ocupar cargos políticos e administrativos municipais e estaduais, podendo aplicar ou mesmo inovar na condução dos destinos da cidade.

Partimos do pressuposto, portanto, de que o desenvolvimento da cidade do Natal no início do século XX foi conduzido por uma elite que importou o conhecimento e as experiências de cidades capitalistas desenvolvidas, apresentando quase tudo como “novo” e a solução mais adequada para tornar a cidade moderna. Essa atitude parecia significar que elegia a cada “novo” que surgia um caminho mais curto para buscar sua identificação com esta modernidade e o concreto para a cidade foi sempre apostar que a modernidade estava contida no almejado⁴. Por isso, compreendemos que o discurso em análise é portador de um conteúdo modernizador, perpassando-se por um ideal de futuro que o próprio autor acreditava ser o modelo que possibilitaria a adequação à uma nova realidade.

“Felizes os que têm no coração um sorriso semelhante para poderem chegar ao fim da jornada, como uma claridade resplandecente, a fim de desembaraçados dos laços terrestres, contemplarem face a face a felicidade eterna.”⁵

Aproveitando-se de sua formação religiosa, o autor sacava no futuro a redenção para todas as angústias do presente e a solução para todas as dificuldades. A posição social do sujeito que falava, revela sua visão sobre a importância de novas práticas modernizadoras que, no mínimo, propiciariam o surgimento de condições políticas adequadas à sua aceitação e a sua incorporação por parte da sociedade, tornando-as apropriadas para estabelecer a transformação da sociedade de acordo com os interesses de sua elite.

Logo no início, o autor deixou claro o sentido que construiu para o momento em que vivia. Ressaltando sua autoridade e o lugar em que se encontrava e, protegido pela assistência de

mais 240 espectadores pagantes, anunciou o futuro que vislumbrava, tendo em vista a conjuntura em que se encontrava. A conjuntura política se modificava e surgiam os primeiros movimentos de oposição ao poder exercido pela oligarquia dos Albuquerque Maranhão, quando a República completava 20 anos e o grupo republicano hegemônico no Rio Grande do Norte não era mais unanimidade e nem congregava mais todos os interesses⁶.

O Dr. Manoel Dantas fazia parte do quadro político e intelectual deste grupo, tendo sido vice-governador do estado e governador interino. A sua conferência naquela noite, além de ser uma ação política, também pode ser considerada como uma defesa às críticas que se fazia ao programa de investimento e ao endividamento que vinham procedendo. Apesar de não fazer referências explícitas a estes fatos, atacou aos críticos com uma linguagem prolixa que misturava seu vasto conhecimento - por exemplo, de diversos idiomas (inglês, francês e latim) -, conclamando aos seus “gentis ouvintes” a se fazerem cúmplices no desprezo que estes mereciam, ameaçando-os disfarçadamente com bom humor⁷.

Charges contínuas têm mais de uma vez chegado a mostarda ao nariz deste pacato representante das letras potiguares que, se fosse dado à esgrima e não temesse o art. 307 do Código Penal, já teria inspecionado as banhas do conselheiro... a ponta de espada”⁸.

O momento político até pode ser visualizado neste ritual, quase se constituindo numa verdade naquele salão. Como quem tem o poder de escolher as regras, o autor expressou o desejo de marcar fisicamente o opositor, talvez na expectativa de dobrá-lo à sua vontade. Desejo de apagar o outro, como se o espelho incomodasse demasiadamente, embora estivesse tolhido pelo aparato jurídico vigente. A encenação “nesse teatro sem lugar é sempre a mesma: é aquela que repetem indefinidamente os dominadores e os dominados”⁹. Lançou o seu conflito na narrativa propondo aos espectadores construir a modernidade através da transformação dos destinos da cidade. O espaço e o tempo a ser ultrapassado se daria numa viagem de 50 anos

adiante no tempo, a partir daquele instante em 1909, com destino a um “Perigo Iminente”. Este, embora dramatizado e metaforizado, coincidia com um cenário conhecido do cotidiano da elite: o bairro Cidade Nova (atual bairros de Tirol e Petrópolis), onde haviam construído suas grandes residências, sítios e chácara arborizadas.

“E lembrei-me que, justamente na véspera ao chegar em casa, encontrara umas roseiras, que cultivava com muito carinho e esmero, inteiramente murchas e destroçadas pelas areias quentes que a ventania forte espalhara durante o dia. E, zás! Escrevi logo no alto da tira, em letras garrafais: PERIGO EMINENTE¹⁰”.

Todos os presentes deviam ter suas casas invadidas pela areia. A cidade do Natal foi construída sobre dunas móveis, com morros que se deslocavam conforme a ação do vento e por essa razão ficou isolada do restante do Estado desde a sua fundação, durante quase trezentos anos, uma vez que não dispunha de conhecimentos técnicos para construir estradas sobre dunas. Restando à cidade apenas uma “picada” sobre o terreno úmido à margem do rio Potengi como a única ligação da capital com o interior, além do uso de embarcações que por ele circulavam¹¹. A imagem aterradora de uma cidade coberta pela areia, podendo ser sepultada pelos morros situados em frente ao bairro da Cidade Nova, a exemplo do que ocorrera com Herculano, Pompéia e São Pedro de Martinica, era o alibi para justificar sua ocupação com uma estrutura moderna.

A retenção parcial dos morros de areia no entorno da cidade vinha sendo tentada pela Intendência Municipal e por isso a região, onde foi projetado o bairro da Cidade Nova, era uma área abandonada pelo poder público e ocupada apenas por pequenas residências disposta desordenadamente. Quando da execução do plano da Cidade Nova em 1901, estas foram substituídas por “largas avenidas e ruas, cujo aspecto já é bastante agradável”¹², que, associando a outras medidas reguladoras, propunha a expansão da cidade como alternativa à tendência de concentração do centro urbano e de suas precárias condições de salubridade.

Anteriormente, em 07 de janeiro de 1902, o próprio Dantas já analisava o bairro da Cidade Nova em um editorial do jornal A República (um ano depois da criação da Cidade Nova):

“Vê-se dessa resolução que o Governo Municipal compreendeu as vantagens e [o] futuro grandioso da Cidade Nova, como o bairro desta capital destinado a ser o núcleo da grande cidade que, neste século será Natal, talvez uma das maiores do Brasil, uma das cidades mais importantes do mundo. (...). (...) o governo está empenhado (...) na construção de uma cidade que seja o futuro padrão da glória norte riograndense (...).”

Esta era a linha condutora da ação do poder público na cidade. Encantado pela crença no progresso, predominava o olhar de quem queria destruir mais rapidamente esse “passado em ruínas”, não importando a tradição e a cidade que havia sido construída até aquele momento, sua cultura e seus lugares. Daí a expectativa que o autor demonstrou que o bairro se tornaria

“um dos pontos mais atraentes da cidade, com seus cassinos e hotéis monumentais coroados de altos terraços, onde os aeroplanos vêm aterrar; as estações da estrada de ferro aérea que corre pela crista dos morros (...); as escadarias de mármore e de granito descendo para o mar e para a planície (...); as casas de campo dependuradas das encostas como ninhos; um misto de progresso e de poesia; a harmonia das coisas; o consórcio do passado e do futuro; (...)”¹³.

Segundo Arendt¹⁴, “as distorções destrutivas da tradição foram, todas elas, provocadas por homens que haviam tido a experiência de algo novo, que tentaram quase instantaneamente superar e resolver em algo velho”. O modelo de cidade moderna que se queria construir, que exaltava o passado apenas para “assinalar o momento em que a época moderna estava prestes a transformar”. Para Dantas, Natal já era “antiga e será eterna como o mundo, porque nasceu envolta pela lenda”. Referiu-se à origem da cidade, que fora guiado por uma criança

que influenciou na decisão de Jerônimo de Albuquerque de escolher aquele lugar, e a quem pôs o nome de Natal para lembrar o nascimento de Jesus. Referiu-se, também, à resistência dos índios que se guiavam por clarões e sons que vinham da floresta, “vozes estranhas que estrondeavam como trovões” e que desencadearam paixões indomáveis, envoltas pelo ódio, vingança e cobiça. Apesar disso, a cidade prosperou e chegou ao século XX como um oásis, como a Rainha das dunas que se fez vida. Vê-se na sua descrição a referência ao fato de que “gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã”¹⁵. Lá estava a cidade ideal, antes mesmo de existir.

Após a consolidação de sua origem, Dantas apostou na chegada à Modernidade, cujo processo parecia prever, ressaltando que a cidade estava preparada para enfrentá-la e, principalmente, ávida por experimentá-la. O primeiro passo seria o redirecionamento do futuro através da redução das distâncias com o “Mundo Civilizado”, dotando-a de acessos, interligando-a com um sistema de transportes eficiente, por “tubos pneumáticos, aeroplanos, tramways e ascensores elétricos”, por

“trem da estrada de ferro transcontinental que, partindo de Londres, passa o canal da Mancha, percorre a Europa e o Norte da Ásia, atravessa o estreito de Behring, corta a América do Norte, galga o cimo dos Andes, desce pelos campos gerais de Mato Grosso e Goiás, segue o Vale do São Francisco, paira sobre a Cachoeira de Paulo Afonso – uma fantasmagoria através das luzes de miríades de lâmpadas elétricas – e vem terminar em Natal”¹⁶.

A construção de um grande porto que resolveria definitivamente a questão do funcionamento ineficiente do existente. Acreditava-se que, superado este obstáculo, o comércio natalense importaria diretamente da Europa. A ligação com o mar, neste sentido, sempre se sobressaiu como a alternativa para a solução econômica da cidade e para a redenção do comércio local. O

mar era citado como a solução para que a cidade se transformasse numa cidade mundial. O imaginário local parecia acreditar que o isolamento era, de fato, o empecilho para o progresso da cidade e por isso, para tornar a sua proposta de cidade mais sedutora, Dantas propôs uma solução muito ousada e audaciosa para o porto.

“(...) no vasto porto que se construirá anos antes adiante dos arrecifes, por meio de dois molhes gigantescos, partindo, um, da ponta do Morcego, outro da ponta de Genipabu, como dois braços enormes querendo apertar num amplexo hercúleo as ondas revoltas do mar alto (...)”¹⁷.

A atividade do porto, a estação ferroviária transcontinental e a vinda de turistas transformariam a cidade em um centro industrial e comercial tocado pela “máquina do progresso”. Cada bairro teria uma função, abrigaria uma camada específica da população, com a atividade potencialmente mais evidente a lhe caracterizar. Os novos bairros, onde o formigar de uma população cosmopolita, marinheiros e operários, restaurantes, cafés-concerto, “uma espécie de pandemônio onde se ostentassem os esplendores e as misérias da população”¹⁸. Os bairros comerciais apresentando o xadrez de ruas, alto comércio, estabelecimentos bancários, edifícios com vinte andares, onde “a cidade parece reclinada sob um dossel luminoso que às vezes se agita como ondas procelosas”¹⁹. Os bairros residenciais da aristocracia, a cidade artística, “onde a riqueza impressiona pelo luxo e o bom gosto das construções”²⁰ e os bairros operários, especialmente o bairro do Alecrim.

Como resposta antecipada aos críticos, previa que os bairros consolidados, Cidade Alta e Ribeira, seriam o palco das resistências entre o passado, o presente e o futuro, em que “o aborígene” se oporia “à invasão do progresso” e se tornaria “o dique de suas tradições”, porém a cidade superaria se transformando a cada instante. O discurso revelou, enfim, as estratégias para a continuidade de uma legitimidade que começava a ser questionada. O recurso da

linguagem como persuasão da razão, uma idéia que, mesmo sendo uma fantasia de uma pessoa, traz contido a sedução da possibilidade de se tornar real.

O texto de Manoel Dantas, além de revelar as idéias do autor, também pode ser compreendido como uma manifestação da mentalidade que predominava entre a elite republicana de Natal.

“Quando lá chegarmos, seremos velhos e a velhice, dizem uns, é a eterna matadora de ilusões. Para as senhoras, então, a velhice é um verdadeiro purgatório. Não penso assim. A mocidade tem o encanto da beleza, mas a velhice tem a majestade da sabedoria”²¹.

A cidade bonita, promissora e redentora, lugar em que todos os negócios poderiam ser bem sucedidos. Uma proposta para um futuro melhor e um apelo para se apostasse no tempo, para que o otimismo deixasse de ser apenas uma ilusão.

¹ Para tratar de modernidade e modernização de cidades recorremos aos escritos de Walter Benjamin que considerou o conceito de “modernidade” como expressão da consciência do “novo” e das mudanças estéticas entre sucessivas gerações; e cuja expressão artística e intelectual, enquanto um projeto histórico, pode ser chamado “modernização”, que, por sua vez, é contraditório, inacabado e mal resolvido. Benjamin, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

² Foi jornalista, político, advogado, juiz, educador e precursor dos estudos etnográficos e do folclore no estado do Rio Grande do Norte. Ocupou os cargos públicos como Inspetor de Instrução Pública, vice-governador (1904-1906), governador interino, Magistrado e professor. Foi editor do Jornal A República e fundou o Diário de Natal. Esta conferência foi proferida para 240 pessoas que pagaram para assistir suas previsões e fantasias em relação ao futuro da cidade do Natal.

³ Lima, Pedro de. *O mito da fundação de Natal e a construção da cidade moderna segundo Manoel Dantas*. Natal: Cooperativa Cultural, Sebo Vermelho, 2000. p.51)

⁴ Oliveira, Giovana Paiva de. *De Cidade a cidade: o processo de modernização de Natal – 1889/1913*. Natal/RN: EDUFRN, 2000.

⁵ Dantas, Manoel. *Natal daqui a 50 anos*. Natal: Fundação José Augusto, 1996. p.43.

⁶ O domínio da oligarquia dos Albuquerque Maranhão encerra em 1913, no final do segundo período administrativo do governador Alberto Maranhão.

⁷ Esta sua característica é muito realçada por autores que analisaram o seu texto, especialmente em Lima, 2000, *Op. Cit.* e Fernandes, Anchieta. *Fantasias e previsões de Brás Contente* - Prefácio de Dantas, 1996.

⁸ Dantas, *Idem*, p.14.

⁹ Foucault, *idem*, p.25.

¹⁰ Dantas, *Idem*, 19.

¹¹ Cascudo, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Natal: RN Econômico, 1999.

¹² Jornal *A República*, 14/01/1905, p.1.

¹³ Dantas, *Idem*, p.21.

¹⁴ Arendt, Hannah. *Entre o passado e o Futuro*. Coleção Debates, N. 64. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.53-56.

¹⁵ Foucault, *Idem*, p.18.

¹⁶ Dantas, *Idem*, p.27.

¹⁷ *Ibidem*, p.30.

¹⁸ *Ibidem*, p.32.

¹⁹ *Ibidem*, p.34.

²⁰ *Ibidem*, p.34.

²¹ *Ibidem*, p.42.